

A AFETIVIDADE E A DIMENSÃO ÉTICA: RELAÇÕES ENTRE A FILIALIDADE TECNOLÓGICA E A BUSCA DA HUMANIZAÇÃO DA CRIANÇA

*Marta Silene Ferreira Barros*¹

 <https://orcid.org/0000-0002-1924-8490>

*Sandra Regina Mantovani Leite*²

 <https://orcid.org/0000-0002-4908-8379>

*Sara Dakkache Lopes Sanches*³

 <https://orcid.org/0009-0001-9979-946X>

*Rodolfo Gabriel Trislitz*⁴

 <https://orcid.org/0000-0002-7335-0146>

Resumo: A educação infantil é um período crucial na formação do ser humano. É nessa fase que as crianças começam a desenvolver habilidades iniciais em diversas áreas, como a cognitiva, social, emocional e física. É na infância que as crianças estabelecem uma base sólida de confiança, afeto e autoestima, que irão refletir nas próximas etapas de suas vidas. Esse estudo, por meio da pesquisa bibliográfica, se fundamenta na Teoria Histórico Cultural, e portanto, busca a aproximação do ser que aprende com o objeto do conhecimento por meio de elementos e instrumentos presentes em seu cotidiano. Nesse sentido, entendemos que a tecnologia, por intermédio da relação entre os seres humanos, pode possibilitar e promover o processo de aprendizagem e desenvolvimento de forma efetiva. Objetivamos apontar a importância de se repensar, como pais e professores, sobre quem realmente está proporcionando atividades e interações para que as crianças se desenvolvam de maneira humana e plena. Consideramos que é preciso oferecer a realização de atividades importantes para o desenvolvimento infantil, seja por meio da música, pela arte, pela brincadeira, pela interação, dessa forma podemos garantir uma educação de qualidade e possibilitar às crianças situações que favoreçam sua participação em uma sociedade cada vez mais tecnológica.

Palavras-chave: Educação Infantil; Dimensão Ética; Afetividade; Tecnologia; Humanização.



¹ Pós-doutora em Educação pela UNESP - Campus de Marília; Docente do Departamento de Educação na Universidade Estadual de Londrina - UEL. E-mail: mbarros_22@hotmail.com

² Pós-doutora em Educação pela UNESP - Campus de Assis; Docente do Departamento de Educação na Universidade Estadual de Londrina - UEL. E-mail: sleite@uel.br

³ Graduada em Pedagogia, Universidade Estadual de Londrina – UEL. Professora da Rede Municipal Ensino de Londrina - PML. E-mail: sara.dakkache.lopes@uel.br

⁴ Mestrando em Educação, Universidade Estadual de Londrina-UEL.
E-mail: rodolfotrislitz@gmail.com

AFFECTIVENESS AND THE ETHICAL DIMENSION: RELATIONS BETWEEN TECHNOLOGICAL FILIALITY AND THE SEARCH FOR HUMANIZING CHILDREN

Abstract: Early childhood education is a crucial period in the formation of human beings. It is at this stage that children begin to develop initial skills in different areas, such as cognitive, social, emotional and physical. It is in childhood that children establish a solid foundation of trust, affection and self-esteem, which will reflect in the next stages of their lives. This study, through bibliographical research, is based on the Historical-Cultural Theory, and therefore, seeks to approach the being who learns with the object of knowledge through elements and instruments present in his daily life. In this sense, we understand that technology, through the relationship between human beings, can effectively enable and promote the learning and development process. We aim to point out the importance of rethinking, as parents and teachers, about who is really providing activities and interactions for children to develop humanly and fully. We believe that it is necessary to offer activities that are important for child development, whether through music, art, games, interaction, in this way we can guarantee a quality education and provide children with situations that favor their participation in a society increasingly technological.

Keywords: Child Education; Ethical Dimension; Affectivity; Technology; Humanization.

LA AFECCIÓN Y LA DIMENSIÓN ÉTICA: RELACIONES ENTRE LA FILIALIDAD TECNOLÓGICA Y LA BÚSQUEDA DE HUMANIZAR A LOS NIÑOS

Resumen: La educación infantil es un período crucial en la formación del ser humano. Es en esta etapa que los niños comienzan a desarrollar habilidades iniciales en diferentes áreas, como la cognitiva, social, emocional y física. Es en la infancia que los niños establecen una base sólida de confianza, afecto y autoestima, que se reflejará en las próximas etapas de su vida. Este estudio, a través de la investigación bibliográfica, se fundamenta en la Teoría Histórico-Cultural, y por tanto, busca acercarse al ser que aprende con el objeto de conocimiento a través de elementos e instrumentos presentes en su cotidiano. En este sentido, entendemos que la tecnología, a través de la relación entre los seres humanos, puede posibilitar y promover efectivamente el proceso de aprendizaje y desarrollo. Pretendemos señalar la importancia de repensar, como padres y docentes, sobre quién está realmente brindando actividades e interacciones para que los niños se desarrollen humana y plenamente. Creemos que es necesario ofrecer actividades que son importantes para el desarrollo infantil, ya sea a través de la música, el arte, el juego, la interacción, de esta manera podemos garantizar una educación de calidad y brindar a los niños situaciones que favorezcan su participación en una sociedad cada vez más tecnológica.

Palabras clave: Educación Infantil; Dimensión Ética; Afectividad; Tecnología; Humanización.

Introdução

Nos dias atuais, é impossível negar a importância da tecnologia em nossas vidas e a facilidade que a mesma nos proporciona, desde a forma como nos comunicamos até as atividades do dia a dia, a tecnologia está presente em tudo. Com as crianças não é diferente, elas crescem em um mundo cada vez mais conectado e interativo. Os professores da área da Educação Infantil têm o papel de serem mediadores do processo de ensino-aprendizagem, proporcionando um ambiente acolhedor e seguro para as crianças. Eles devem agir com paciência, respeito, flexibilidade e atenção às características individuais de cada criança. Mas, como conciliar a tecnologia com a educação das nossas crianças, seja na família ou na escola? Como utilizar desse instrumento para propiciar a aprendizagem e o desenvolvimento das crianças possibilitando a humanização necessária para nos entendermos como seres humanos e responsáveis pelo outro? Como possibilitar às crianças a dimensão afetiva tão necessária para que as interações aconteçam?

Com este estudo, que se fundamenta na Teoria Histórico Cultural, e que portanto, busca a aproximação do ser que aprende com o objeto do conhecimento por meio de elementos e instrumentos presentes no cotidiano, compreendemos que a tecnologia, por meio da relação entre os seres humanos, pode promover o processo de aprendizagem de forma efetiva.

No entanto, é importante lembrar que a tecnologia não deve ser vista como uma solução mágica para todos os problemas educacionais, nem mesmo como um instrumento que substitui a relação e mediação entre as pessoas. Os meios tecnológicos precisam ser utilizados de forma consciente e planejada, sempre visando a aprendizagem e o desenvolvimento das crianças e dos envolvidos com a formação humana. Além disso, é fundamental que os professores estejam preparados para utilizar a tecnologia de forma eficiente em sala de aula, uma vez que eles necessitam conhecer as ferramentas disponíveis e saber como utilizá-las para potencializar novas formas de transformação do cotidiano e possibilitar a aprendizagem dos envolvidos na instituição escolar.

Outro ponto importante é o cuidado com o uso excessivo da tecnologia, pois estudos científicos comprovam, segundo a Sociedade Brasileira de Pediatria (2019), em

seu Manual de Orientação #Menos Telas #Mais Saúde, produzido pelo Grupo de Trabalho Saúde na Era Digital (2019-2021) que a tecnologia influencia de maneira positiva ou negativa o comportamento e modifica hábitos, desde a infância à idade adulta. É importante que os professores estejam preparados para manusear o que existe disponível em termos tecnológicos e que haja um equilíbrio entre o uso das TICS e a dimensão afetiva imprescindível para que nos entendamos como seres humanos. A dimensão afetiva e ética características tão necessárias para que por meio do relacionamento possamos valorizar a alteridade e a empatia com o outro, que está dentro de nós ou que se relaciona conosco.

Em resumo, a tecnologia pode ser uma grande aliada na educação das crianças, mas é preciso utilizá-la de forma consciente e planejada tanto na escola como na família. Dessa forma é que explicamos o termo e o objetivo deste artigo: Analisar a importância de refletirmos, como pais e professores, sobre quem realmente está proporcionando atividades no contexto da sala de aula para que as crianças se desenvolvam de maneira humana e plena. A filialidade de nossas crianças deixou de ser papel da família e passou a ser somente evidenciada pelos meios tecnológicos, que acabam por disciplinar os corpos infantis? Qual a nossa contribuição, como seres humanos mais experientes, para a aprendizagem e o desenvolvimento das nossas crianças?

É preciso possibilitar a realização de atividades importantes para o desenvolvimento infantil, seja pela música, pela arte, pela brincadeira, pela interação. Com isso, podemos garantir uma educação de qualidade e possibilitar às crianças situações que favoreçam sua participação em uma sociedade cada vez mais tecnológica.

Sobre uma vida interativa: a importância do relacionamento e da interação entre crianças, família e escola

A incorporação da tecnologia no ambiente escolar pode trazer inúmeros benefícios para a aprendizagem e desenvolvimento infantil. De acordo com Martins (2011), é fundamental que utilizemos aliados no processo de ensino e a tecnologia se apresenta como uma grande aliada nesse contexto, tornando as aulas mais interativas e dinâmicas. Como a tecnologia tem se tornado cada vez mais presente na vida das

crianças é importante utilizá-la como um meio de mediação entre sujeito e cultura. Entretanto, essa presença constante tem gerado uma ausência de afetividade na família e na escola, o que pode ser prejudicial para o desenvolvimento emocional e social das crianças.

O papel do professor e das famílias na promoção de momentos de interação e afetividade é crucial para combater a filialidade tecnológica e valorizar a importância do contato humano. A tecnologia não pode substituir a interação humana, especialmente nos primeiros anos de vida. É importante que os adultos sejam conscientes da relevância do contato humano e da afetividade para o desenvolvimento infantil.

A primeira fase de vida é moldada por vários fatores culturais, políticos, sociais, econômicos, familiares e pedagógicos que atuam sobre ela. Nesse processo, o adulto e a criança desenvolvem relações de ensino e aprendizagens mútuos. A geração mais nova aprende comportamentos valorizados, cultuados e exaltados pelo seu grupo. A geração mais velha se desenvolve e se aprimora dentro dessa função socializadora. Essa história implica em conquistas e conflitos, pois ao mesmo tempo em que valores são produzidos e reproduzidos, são também desafiados (Couto, 2013, p. 901)

Na Educação Infantil, uma das fases mais importantes da formação de um indivíduo, a criança começa a desenvolver suas habilidades cognitivas, sociais e emocionais. Para que esse processo ocorra de forma adequada é fundamental que os professores que atuam nessa área estejam preparados e capacitados para lidar com as especificidades e necessidades da infância.

A formação de professores para atuar na Educação Infantil é essencial para garantir que as crianças recebam um ensino de qualidade. É preciso que os educadores tenham conhecimento sobre o desenvolvimento infantil, saibam como lidar com as dificuldades que as crianças podem apresentar e estejam preparados para criar um ambiente acolhedor e estimulante.

A relação entre a família e a instituição de Educação Infantil é essencial no processo de formação da personalidade da criança, sendo a escola o lugar privilegiado onde ocorre a primeira experiência da criança com um ambiente educacional coletivo, que segundo Sambrano (2006), o ingresso da criança na instituição educativa é um momento que inclui o aspecto emocional e afetivo, merecedor de atenção tanto para a

família que enxerga e avalia a instituição sob a ótica individual da criança, como para os professores, que tem em vista o interesse coletivo objetivando o desenvolvimento integral de todas as crianças. São expectativas diferentes que precisam ser unidas para além das relações de poder, rompendo com a condição assimétrica em busca de uma consciência de igualdade e respeito mútuo (Sambrano, 2006, p. 150).

Partindo do pressuposto de que o professor da infância na sua atuação necessita conhecer a história de cada criança, interagindo com as famílias, sendo pesquisador e observador em todo o processo educativo com todos os envolvidos, faz-se necessário dialogar com as pessoas que fazem parte da família da criança, no sentido de buscar conhecer os momentos vivenciados pelas crianças em suas casas e que de alguma forma também repercute no trabalho realizado na escola, conhecer acerca do tempo que as crianças utilizam nas telas e/ou vídeos na sua realidade familiar. Um diálogo aberto às novidades, sem preconceito ou arrogância a fim de evidenciar o papel do outro no processo de formação da criança, o reconhecimento do outro, considerando as diferenças e possibilitando a aproximação. É nesse envolvimento que surge uma interação saudável e afetuosa. Conforme Guimarães (2012, p. 89),

[...] não se trata de compreender o outro com o objetivo de trazê-lo para os próprios referenciais, na busca de totalizá-lo, mas de oportunizar contato, troca, sem diluição das fronteiras. Um imenso desafio é enfrentar a alteridade na relação com a família, desviando do julgamento de suas atitudes, da comparação, compreendendo as possibilidades e limites de diálogo com ela.

A participação da família nas instituições de Educação Infantil, é uma relação de complementaridade pois favorece um clima de amizade e de acolhimento para a criança e faz com que as atividades pedagógicas realizadas sejam ampliadas em outro espaço – a casa da criança, dando continuidade para o que foi iniciado na instituição educativa. Nesse sentido, ressaltamos que a formação do professor precisa garantir o maior conhecimento possível sobre os fundamentos das relações sociais para promover a o diálogo e o trabalho em coletividade, “[...] como prática voltada para sujeitos em construção, os educadores têm o compromisso com o respeito radical à dignidade humana” (Severino, 2001, p. 156).

Assim, é mister destacar que para a Educação Infantil, assim como para qualquer outro nível de ensino, é relevante destacar a importância da família tanto ao nível das relações sociais, nas quais ela se inscreve, quanto ao nível da vida emocional de seus membros. É na família, mediadora entre o indivíduo e a sociedade que aprendemos a perceber o mundo e a nos situarmos nele.

Conforme a Teoria Histórico-Cultural que estuda a natureza histórico-social do desenvolvimento humano, o afeto é a relação particular entre sujeito e objeto, que revela as singularidades do indivíduo e constitui-se como condição fundamental para a formação da imagem subjetiva da realidade no desenvolvimento do psiquismo humano (Martins, 2011). Segundo Martins (2011), a própria existência humana é condicionada pela vivência social do indivíduo, isto é, pela afecção do mundo sobre ele. Em outras palavras, a atividade humana depende de como o mundo afeta o indivíduo em todas as suas múltiplas determinações.

Na atividade que vincula o ser à natureza, que o coloca face a face com as condições objetivas de sua existência e pela qual visa o atendimento dos motivos que a sustentam, encontra-se sintetizada sua capacidade para representar o mundo afetivo-cognitivamente. Assim, cabe afirmar conclusivamente que não é o pensamento quem pensa ou o sentimento quem sente, quem assim o faz é a pessoa, que apenas arbitrariamente e artificialmente pode ser compartimentalizada (Martins, 2011, p. 210)

O campo afetivo está imbricado nas outras funções psíquicas na estrutura da atividade humana, formando um “[...] amálgama condicionado pela natureza da atividade em curso” (Martins, 2011, p. 204) As funções psíquicas como a memória, a atenção, a imaginação, a sensação, a percepção, a linguagem e o pensamento agem juntas na formação de uma imagem que reflete a realidade concreta na mente dos indivíduos durante o processo de internalização. No entanto, esses processos não agem sem que o objeto afete o sujeito, nas relações de objetivação e subjetivação. Isto é, não é possível que haja qualquer relação sujeito-objeto isenta das questões afetivas (Martins, 2011).

O próprio sistema de signos, inclui os sentimentos, que se estabelecem por meio de conceitos ou juízos e estão sempre em relação com os pensamentos e vice-versa. Dessa forma, faz-se necessário compreender a relação dialética existente entre os

processos cognitivos e afetivos como uma unidade e não como processos dicotômicos. Este dualismo é criticado pela Teoria Histórico-Cultural e o entendimento disto torna-se chave para a compreensão do conceito de afetividade em sua relevância, sem estigmatizá-lo (Martins, 2011).

Como bem lembra Hermann (2014), esta dicotomia entre o cognitivo e o afetivo é originária de uma discussão antiga sobre a relação corpo-alma, proveniente da tradição platônica - e perpetuada por diversos filósofos - de atribuir à alma o princípio da racionalidade absoluta e sobrenatural e ao corpo a animalidade terrena, de modo que ambos percorrem caminhos independentes e opostos e que caberia ao homem a busca do exercício da alma e pelo autodomínio do corpo. Nesta perspectiva, o corpo, os sentimentos e as emoções são renegados em detrimento da objetividade e da racionalidade pura.

[...] a função sociopolítica da educação infantil, por meio das ações de cuidar e educar em complementariedade às ações familiares, nos mostra como o trabalho pedagógico na educação infantil não pode ser comparado ao trabalho propriamente 'escolar', no sentido 'conteudista' da aprendizagem. Neste sentido, a creche só pode se constituir em um espaço de proteção e provisão das crianças, seus corpos e suas vidas, à medida em que este espaço é assim pensado, estruturado e organizado por profissionais da educação qualificadas/os na docência com crianças pequenas. Para as crianças, a creche faz falta muito mais como um tempo e um espaço de vivência plena da infância de direitos, de encontro com outras crianças, outros espaços, projetados para acolhê-las e para alimentar o corpo não apenas biológico, mas social, cultural e histórico. (Buss-Simão; Lessa, 2020, p. 1432)

Conforme o pensamento acima uma educação acolhedora se efetivará com ações de educação, cuidado e acolhimento realizadas junto às crianças, em que a família e a instituição de Educação Infantil atuem de forma integrada e assumam suas responsabilidades de afeição. Ao apresentar a importância da relação entre família e escola de Educação Infantil, pretende-se ratificar a indissociabilidade entre cuidados e educação das crianças, pois, segundo Ferreira (2003, p. 12), “[...] o processo de cuidado e de ensino e aprendizagem é mais efetivo e prazeroso quando há uma real sintonia entre quem cuida e quem educa, entre quem ensina e quem aprende”.

Segundo Buss-Simão e Lessa (2020), o papel do professor é fundamental na utilização da tecnologia na sala de aula, no entanto, é essencial salientar que o professor é o principal mediador entre a tecnologia e a criança, portanto, deve orientar e acompanhar o uso dos dispositivos, garantindo que eles sejam utilizados de forma pedagógica e não apenas como uma distração, utilizado como passatempo. Para uma atuação intencional do professor nessa mediação, é imprescindível que o professor esteja sempre atualizado em relação às novas tecnologias e suas possibilidades educacionais, conhecendo as ferramentas disponíveis e utilizando-as de forma criativa e inovadora. A tecnologia pode ser utilizada de forma integrada ao currículo escolar, e não como uma atividade isolada, sendo um recurso para auxiliar no processo de aprendizagem, e não como um fim em si mesma.

Além de ser utilizado como instrumento, a tecnologia também auxilia em momentos de descontração, potencializando o contato humano, com músicas, vídeos, brincadeiras, sugestões, passeios virtuais, viagens culturais virtuais, ampliando o repertório das salas de aula na Educação Infantil. Segundo Szymanski (2009), nesta sociedade complexa em que vivemos, é preciso pensar cada vez mais o intercâmbio entre as instituições educacionais, formais e informais. “É importante considerarmos as diferentes formas de relações sociais propostas pelos vários contextos sociais pelos quais transitamos, para que venha a se instaurar uma relação horizontal e dialógica, em especial entre a família e a escola.” (Szymanski, 2009, p. 15). Vivências importantes e necessárias para integração entre a família e a escola de educação infantil.

Todo o espectro afetivo particular do indivíduo, que regula sua atividade, tem uma raiz histórico-social e é orientado pela vivência pessoal. Martins (2011) define como vivência aquilo que é experienciado pelo sujeito em relação ao objeto e que acaba por ser representado de forma subjetiva por uma imagem interior. As vivências afetivas podem abarcar tanto emoções e sentimentos positivos quanto negativos, conferindo ao indivíduo uma força potencializadora ou redutora de sua ação, a depender das consequências emocionais geradas pela experiência vivenciada.

A dimensão estética da afetividade, como complementar à sua dimensão ética, traz à tona elementos da subjetividade que agregam e modificam o campo cognitivo. Em todas as ações do ser humano, é possível afirmar que o campo da estética está

presente, na medida em que a realidade nunca é observada em sua forma pura, mas sempre interpretada, filtrada, modificada e transformada pelas sensações e percepções de cada sujeito, calcada em experiências e vivências pessoais e intransferíveis.

A educação é uma ação que se legitima a partir de um determinado *ethos*, que se orienta por uma ideia de bem. A interpretação estética não é contraditória com a vida ética; antes disso, pode auxiliar nessa justificação, desenvolvendo a sensibilidade para as diferenças de percepção ou de gosto, auxiliando na contextualização de princípios éticos e no reconhecimento do outro e evitando os riscos da uniformização diante do universalismo (Hermann, 2002, p. 22).

Assim, é indispensável ao educador considerar a dimensão ético-estética dos afetos, presente na dialeticidade do ensino e aprendizagem. Este movimento dialético se dá pela interpretação e reinterpretação da realidade pelos sujeitos, expresso na beleza da própria ação e reação de educar.

Uma educação ético-estética representa então uma “relação recíproca entre o universal e o particular” (Hermann, 2008), que não se desfaz de princípios universais, mas atende aos casos particulares, em uma relação dialética entre o intelecto e as emoções na relação com o outro. Assim, esclarece-se que a afetividade na dimensão ética da educação envolve uma ação intencional na relação com o outro, baseada em princípios não somente éticos, mas estéticos ou sensíveis, intrínseca à prática pedagógica, com o intuito de afetar ou causar um impacto em benefício do desenvolvimento integral da criança em particular na sua relação com o coletivo.

A dimensão ética na prática educativa das famílias e da instituição educativa potencializa os momentos em que possibilitamos às crianças constatar, escolher, decidir, romper, avaliar, comparar. É na relação com o outro, nas trocas, na relação com o coletivo e com o ambiente que o exercício da ética acontece e que se constrói a responsabilidade. Muitas vezes, a relação existente entre família e escola não acontece pela falta de entendimento e de compromisso com uma educação que se quer mais crítica e humanizadora, voltando-se apenas à polarização entre os envolvidos. Nesse sentido, somente pela prática do diálogo acontecerá o avanço e a integração entre a família e a instituição de educação infantil. Sobre isso, Szymanski (2009, p. 35) afirma que dialogar significa:

Instaurar um pensar crítico; mostrar sensibilidade e abertura para compreender o outro; ter confiança na sua capacidade de compreensão; estar disponível para criar novas soluções; considerar os fundamentos éticos da educação; transmitir o conhecimento e a interpretação de mundo. Não significa ausência de conflitos, pois eles estão presentes na dialética do vivido e do pensado. É na superação que se constrói um novo saber.

A integração entre família e escola numa perspectiva dialógica, tem como foco o outro e o relacionamento entre os envolvidos contribui para uma educação democrática e acolhedora, numa prática pedagógica que prioriza o processo de humanização da criança, em que a família é incluída como protagonista no cotidiano da atividade educativa, sendo convidada a participar dos momentos de planejamento, das atividades com as crianças, possibilitando assim momentos em que os conhecimentos da família podem ser aproveitados na Instituição de Educação Infantil, como também o oposto, pois na maioria das vezes as famílias querem conhecer e aprender mais sobre o desenvolvimento infantil.

Portanto, conforme Guimarães (2012) e Sambrano (2006) é preciso pensar como fazer a família se sentir convidada a participar. Primeiramente, é preciso um trabalho formativo com os professores no interior das instituições, para que os mesmos possam entender a alteridade. Alteridade implica em considerar a diferença, levando em conta o estranhamento que produz obstáculo ao reconhecimento do outro. Segundo Guimarães (2012), a diferença entre alteridade e diferença está na perspectiva de assumir o outro como ele é, sem comparações e sem julgamentos, haja vista que cada um contribuirá segundo seus limites e possibilidades, na relação com as famílias, alterando o entendimento de julgar, comparar, concebendo as possibilidades e limites do diálogo.

A atuação de professores conscientes em relação à importância da relação com a família se constitui na medida em que a profissional utiliza o ambiente familiar para explicar e entrosar a criança na escola reportando-se a experiências vivenciadas pela criança em suas residências. É preciso levar em conta o direito das crianças a relações seguras, em especial quando trabalhamos com vídeos, tablets, computadores e celulares com aplicativos que na maioria das vezes levam as crianças para mundos distantes daqueles em que estamos acostumados. A vigilância é fundamental. Nesse sentido, é que trabalhar com os relacionamentos é também um trabalho pedagógico.

Estas formas de relacionamento sinalizam o entendimento de valorização das famílias, vislumbrando um trabalho coletivo, o compromisso de cada parte numa visão de totalidade, em que cada um assuma suas respectivas responsabilidades. Reconhecemos que com a realização de práticas que fortaleçam o vínculo família e escola e com a definição de propostas pedagógicas concretizadas que favoreçam o diálogo e a negociação será possível fomentar novas formas de a criança ver e sentir o mundo.

Neste sentido, a creche só pode se constituir em um espaço de proteção e provisão das crianças, seus corpos e suas vidas, à medida em que este espaço é assim pensado, estruturado e organizado por profissionais da educação qualificadas/os na docência com crianças pequenas. Para as crianças, a creche faz falta muito mais como um tempo e um espaço de vivência plena da infância de direitos, de encontro com outras crianças, outros espaços, projetados para acolhê-las e para alimentar o corpo não apenas biológico, mas social, cultural e histórico (Buss-Simão; Lessa, 2020, p. 1432)

Dessa forma, acreditamos que não existe educação humanizadora, a favor da participação e da democracia sem considerar os seres humanos como dotados de personalidade e integrantes de uma sociedade historicamente determinada. Como profissional de Educação infantil é imprescindível atuar em favor de uma educação solidária com práticas coletivas de trocas de experiências, valores e apropriação verdadeira da cidadania, uma educação acolhedora e capaz de humanizar as crianças nessa etapa de formação.

Relação entre Afetividade e Pertencimento na Educação Infantil

O vínculo da criança com o espaço da instituição de Educação Infantil ocorre de forma mediada pelas relações interpessoais e pela cultura humana produzida nele. Isto porque a organização do espaço é produto de uma ação intencional e planejada dos educadores na relação com o ambiente, com base em determinado projeto de homem e de sociedade.

Na perspectiva de uma educação transformadora, a instituição de Educação Infantil é o lugar privilegiado para a apropriação da cultura elaborada e para o desenvolvimento das máximas capacidades humanas, pensando na formação integral,

instrumentalizando os indivíduos para uma participação crítica e ativa na sociedade mais ampla. Nesta relação a criança se apropria do espaço de Educação Infantil, agindo como sujeito ativo, que protagoniza as ações, mediadas pelo planejamento intencional do educador, construindo uma cultura própria da infância, o que nos leva para os conceitos de participação e pertencimento cultural. Segundo Silveira (2019, p. 145), a participação infantil

[...] é um direito e uma ação social concreta, intencional, relacional [acontece na interação humana], voluntária e dialógica, em que há partilha de poder entre os sujeitos envolvidos e os participantes sabem que exercem agência, podendo, neste sentido, influenciar pessoas, processos decisórios ou, simplesmente, ser decorrente do exercício de uma potência política e cidadã apreendida e experienciada ao longo da vida em ambientes ou canais variados e com valores democráticos, pautados na alteridade e na inclusão. É essencialmente coletiva embora, em âmbito individual, seja decorrência da autonomia e capaz de gerar efeitos psicológicos por meio de sua prática.

Assim, a participação torna-se elemento essencial na relação da criança com os espaços e com os sujeitos da Educação Infantil, como exercício da democracia em perspectiva de educação voltada para o pleno desenvolvimento da vida em sociedade, desde a mais tenra idade. O compromisso com o exercício da participação da criança, em complemento às outras formas de expressão infantil, respeita e possibilita que a criança desfrute de seus direitos como sujeito ativo no processo de aprendizagem.

A Base Nacional Comum Curricular, prevê seis *direitos de aprendizagem e desenvolvimento* para a etapa da Educação Infantil (conviver, brincar, participar, explorar, expressar-se e conhecer-se). Sobre o participar, assegura-se

[...] participar ativamente, com adultos e outras crianças, tanto do planejamento da gestão da escola e das atividades propostas pelo educador quanto da realização das atividades da vida cotidiana, tais como a escolha das brincadeiras, dos materiais e dos ambientes, desenvolvendo diferentes linguagens e elaborando conhecimentos, decidindo e se posicionando. (Brasil, 2018, p. 38)

Sendo assim, o planejamento das ações pedagógicas precisa incluir em todos os contextos a participação infantil ativa, em processos decisórios desde os mais simples até os mais complexos, organizados pelo educador de modo a garantir situações de

escolha e exercício da vontade infantil. No exercício da participação e da tomada de decisão, as crianças desenvolvem a criticidade, a linguagem, a escuta, exercem a liberdade de expressão, fortalecendo assim o sentimento de pertencimento ao espaço da instituição.

Segundo as Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Infantil (Brasil, 2018), as propostas curriculares precisam respeitar os princípios éticos, políticos e estéticos. Os princípios éticos estão relacionados à autonomia, responsabilidade, solidariedade e ao respeito ao bem comum, ao meio ambiente e à diversidade. Os princípios políticos garantem os direitos de cidadania, do exercício à criticidade e do respeito à democracia. E os princípios estéticos garantem a liberdade de expressão, a sensibilidade, a criatividade por meio de manifestações artísticas e culturais.

A participação ativa da criança na relação com o espaço da Educação Infantil perpassa os eixos éticos, políticos e estéticos em todas as suas dimensões, constituindo-a como cidadã, que ocupa os espaços públicos de forma democrática e pertencente. O sentimento de pertencimento é derivado da participação livre e consciente, que reúne vínculos afetivos, experiências e vivências culturais mediadas pelas relações sociais constituídas no espaço.

Desta forma, pode-se considerar que a relação afetiva da criança com a instituição de Educação Infantil depende das atitudes dos profissionais da educação. É necessário planejar e organizar intencionalmente o espaço, que precisa estar permeado de marcas da participação ativa da criança na elaboração da cultura e da formação do lugar afetivo, mas principalmente, das relações interpessoais que ali se estabelecem, as quais definem as características do ambiente escolar.

Ao possibilitar a participação das crianças, o professor exerce a escuta ativa e considera os pontos de vista da cultura infantil, promovendo a democracia e dando voz às crianças, a fim de desenvolver o senso crítico e a consciência. Cabe, portanto, ao educador possibilitar a participação ativa e o sentimento de pertencimento da criança nos espaços de Educação Infantil, como espaços que foram historicamente constituídos pelo direito da criança e para a criança, garantindo assim, desde os primeiros anos de vida, sua inclusão na cidadania e na sociedade democrática de direito.

Considerações Finais

A crescente filialidade tecnológica tem gerado preocupações quanto ao desenvolvimento emocional e social das crianças. Por isso, é crucial que o papel do professor e das famílias seja valorizado na promoção de momentos de integração com as crianças na Educação Infantil. Afinal, o contato humano e a afetividade são insubstituíveis na formação de indivíduos saudáveis e felizes. Em um mundo cada vez mais tecnológico, é importante refletir sobre como garantir que este instrumento seja utilizado de forma adequada e eficiente na sala de aula. Para isso, é necessário que as Instituições de Educação Infantil priorizem a qualidade nas interações estabelecidas no interior dos espaços educativos, contemplando várias dimensões no desenvolvimento infantil.

O professor da Educação Infantil deve buscar uma educação de qualidade, baseada no diálogo, afeto, cuidado, educação e acolhimento, reconhecendo sua importância na vida e na formação das crianças. É fundamental que o professor se reconheça como tal, considerando as especificidades do seu trabalho e atuando como um profissional comprometido com a educação emancipadora.

É essencial que haja cursos de capacitação e aprimoramento constante, visando atualizações de novas práticas pedagógicas e teorias científicas. Um dos principais objetivos da formação de professores para a educação infantil é o trabalho com teorias e metodologias que estimulem a criatividade, a curiosidade e o interesse das crianças.

Nesse sentido, é fundamental que os professores levem em conta a importância da tecnologia na vida das crianças. Hoje em dia, os dispositivos eletrônicos fazem parte do cotidiano das crianças e, por isso, é importante que os professores saibam como utilizar essas ferramentas de forma pedagógica e consciente. Além disso, é importante que as famílias também sejam conscientes do impacto da tecnologia na vida dos filhos. É preciso que os pais estabeleçam limites e regras para o uso de dispositivos eletrônicos em casa, e que participem ativamente da educação dos filhos.

As crianças aprendem por meio das interações e brincadeiras, e por isso é fundamental que os professores saibam como utilizar jogos e atividades lúdicas para estimular o aprendizado e o desenvolvimento das crianças. Portanto, é possível sim utilizar a tecnologia de forma eficiente e pedagógica na sala de aula, desde que haja um

planejamento cuidadoso e um papel ativo do professor. E o mais importante: sempre lembrando que a tecnologia é apenas um recurso, e que o principal papel da escola é garantir uma educação de qualidade e inclusiva para todos os alunos.

Referências

BRASIL. Ministério da Educação. *Base nacional comum curricular: educação é a base*. Brasília, DF: Conselho Nacional de Secretários de Educação, 2018. Disponível em: http://basenacionalcomum.mec.gov.br/images/BNCC_EI_EF_110518_versaofinal_site.pdf. Acesso em: 13 ago 2023.

BUSS-SIMÃO, Márcia; LESSA, Juliana. Um olhar para o(s) corpo (s) das crianças em tempos de Pandemia. *Zero-a-Seis*, Florianópolis, v. 22, n. especial, p. 1420-1445, dez./dez. 2020. DOI: <https://doi.org/10.5007/1980-4512.2020v22nespp1420>

COUTO, Edvaldo Souza. A infância e o brincar na cultura digital. *Perspectiva*, Florianópolis, v. 31, n. 3, p. 897-916, set./dez. 2013. DOI: <https://doi.org/10.5007/2175-795X.2013v31n3p897>.

FERREIRA, Maria Clotilde Rosseti. A necessária associação entre educar e cuidar. *Pátio Educação Infantil*, Porto Alegre, n. 1, p. 10-12, abr./jul. 2003.

GUIMARÃES, Daniela. A relação com as famílias na educação infantil: o desafio da alteridade e do diálogo. In: VAZ, Alexandre Fernandez; MOMM, Caroline Machado. *Educação infantil e sociedade: questões contemporâneas*. Nova Petrópolis: Nova Harmonia, 2012. p. 88-100.

HERMANN, Nadja. *Ética & educação: outra sensibilidade*. Belo Horizonte: Autêntica, 2014. (Coleção Temas & Educação).

HERMANN, Nadja. Ética: a aprendizagem da arte de viver. *Educação e Sociedade*, Campinas, v. 29, n.102, p. 15-32, jan./abr. 2008. DOI: <https://doi.org/10.1590/S0101-73302008000100002>.

HERMANN, Nadja. Razão e sensibilidade: notas sobre a contribuição do estético para aética. *Educação & Realidade*, Porto Alegre, v. 27, n. 1, p. 12-23, 2002. Disponível em: <https://seer.ufrgs.br/index.php/educacaoerealidade/article/view/25936>. Acesso em: 13 ago 2023.

MARTINS, Lígia Márcia. *O desenvolvimento do psiquismo e a educação escolar: contribuições à luz da psicologia histórico-cultural e da pedagogia histórico-crítica*. 2011.250 p. Tese (Livre-Docência em Psicologia da Educação) – Universidade Estadual Paulista, Bauru, 2011. DOI: <https://doi.org/10.1590/S1414-32832012000100025>.

SAMBRANO, Taciana Mirna. Relação instituição de educação infantil e família: um sonho acalentado, um vínculo necessário. In: ANGOTTI, Maristela. *Educação infantil: para quê, para quem e por que?*. Campinas: Grupo Átomo & Alínea, 2006. p. 139-155.

SEVERINO, Antonio Joaquim. *Educação, sujeito e história*. São Paulo: Olho d'Água, 2001.

SILVEIRA, Maria Eduarda Medeiros da. Standarts da participação infantil: cotejamento entre conceitos, teorias, abordagens e empirias. In: SILVEIRA, Maria Eduarda Medeiros da. *Conceitos de participação infantil na sociologia da infância: diálogos entre categorias*. 2019. 206 p. Dissertação (Mestrado em Educação) – Centro de Ciências Humanas e da Educação, Universidade do Estado de Santa Catarina, Florianópolis, 2019. p. 144-151. Disponível em: <https://sistemabu.udesc.br/pergamumweb/vinculos/000076/000076ce.pdf>. Acesso em: 13 ago. 2023.

SOCIEDADE BRASILEIRA DE PEDIATRIA. *Manual de orientação*. Rio de Janeiro: SBP, 2019. Disponível em: file:///C:/Users/Win%2010/Downloads/_22246c-ManOrient_-_MenosTelas__MaisSaude.pdf. Acesso em: 13 ago. 2023.

SZYMANSKI, Heloisa. *A relação família/escola: desafios e perspectivas*. Brasília: Líber Livro, 2009.

Recebido em: 16 de agosto de 2023

Aceite em: 04 de setembro de 2023